

É isso mesmo: a economia precisa de uma trégua. Brasil

Há dois meses o governo não faz outra coisa senão reunir-se. São reuniões entre economistas que não se entendem; entre ministros que não se entendem e se fustigam, entre políticos que não se entendem ou entre representantes de classes sociais que não se entendem. O ministro Funaro tem razão: "A economia brasileira precisa de uma trégua". Não de mais uma das tréguas "planejadas" pelo ministro Funaro, como aquela que ele pretendia com o seu primeiro congelamento de preços e que nos deixou, realmente, precisando de tréguas. Mas uma trégua de verdade; uma trégua das tréguas "planejadas"; uma trégua — definitiva, se possível — das intervenções artificiais que, na verdade, só resultam neste desentendimento geral com que estamos às voltas.

Nestes dois meses em que se passou desentendendo consigo próprio e com o resto do Brasil, o governo teve a oportunidade — se tivesse sensibilidade para tanto — de colher várias lições capazes de lhe indicar uma saída para este impasse. A única, aliás. A conclusão inescapável de tudo a que temos assistido é uma só: a completa falência da filosofia intervencionista que pautou todas as ações da equipe econômica do presidente Sarney. Um governo que tem como assessora de peso dona Conceição corre o risco de ter o fim que teve o governo Allende. Mesmo que não dispussemos de todos os outros exemplos fracassados de políticas econômicas intervencionistas semelhantes em todo o mundo, nas últimas décadas, a experiência da Nova República, sozinha, já bastaria para que se escrevesse todo um compêndio sobre o que não fazer, em matéria de economia ou, mais propriamente, sobre de que maneira não se deve pensar a economia.

Mas parece que os fatos não têm bastado para convencê-los. Ao invés de reconhecê-los, parece que o governo continua preferindo "denunciar" a sua "rebelião" (dos fatos) contra as suas teorias. Mas o mais grave é que, desde que elegeu os trabalhadores e suas "conquistas", como assuntos tabu, o governo da Nova República tem ido procurar os seus "bodes expiatórios" nas classes empresariais, atacando-as com uma violência diretamente proporcional à amplitude dos fracassos que tem colhido. Obviamente, sabedores do quanto é verdadeira aquela frase que o presidente Sarney tanto gostava: "não há liberdade política sem que haja liberdade econômica" —, todos os radicais, todos os que espalham ideologias totalitárias, todos os inimigos da democracia deste país aproveitam a "bola" tão gentilmente "levantada" pelos governantes para não deixá-la mais cair, jogando o máximo de lenha possível na fogueira em que querem queimar a liberdade econômica e, com ela, as outras.

Tudo isto somado aos obstáculos concretos — e intráspontâneos — que as sucessivas intervenções do governo no mercado estão criando para todos os que produzem (ou produziam) no Brasil está gerando um clima de "luta de classes" que torna qualquer "entendimento" impossível, e um tal desânimo entre as classes produtoras que já não surpreenderá a ninguém se amanhã começarem a seguir-se à fuga de capitais — que vem ocorrendo em proporções alarmantes — também a fuga dos próprios cidadãos capazes de empreender e produzir para terras (e sistemas políticos) onde lhes seja possível trabalhar. Onde a prosperidade individual não seja punida. Para quem, como o presidente Sarney, prefere acreditar que advertências como esta não passam de "conspirações da grande imprensa", lembramos que os Estados Unidos se fizeram assim e continuam, hoje, na liderança econômica mundial, porque continuam a ser o maior centro de atração de material humano qualificado do mundo; porque continuam sendo o país que mais atrai imigrantes qualificados do mundo, oferecendo-lhes todas as vantagens pessoais e condições de trabalho como ninguém mais oferece. E entre os que se deixaram cativar por estas ofertas estão não poucos brasileiros que desistiram de esperar que este ou governos passados, afinal, se entendessem...

Outra lição importante que o governo poderia ter colhido, se quisesse, principalmente nas últimas duas semanas, é que já não resta mais ninguém com quem se reunir; já não há mais nenhuma sugestão que não tenha sido dada para evitar que ele tenha de fazer o que terá de fazer sozinho e, principalmente, para evitar que este processo tenha todos os custos — econômicos, financeiros e sociais — que ele fatalmente terá. Por isso não chegou a haver nem a sombra de um acordo na tentativa heróica de obter um "entendimento nacional" dos últimos 15 dias. Porque, da parte dos empresários, ficou claro — mesmo para este governo que não esconde a sua má vontade para com esta "classe" — que não há mais nenhum "sacrifício" humanamente possível que ela possa fazer que não comprometa a sua sobrevivência. E, da parte dos trabalhadores, não houve promessa ou argumento que este governo tão pródigo em promessas pudesse oferecer que os convencesse de que poderão sair deste buraco incólumes. Por isto os sindicatos bombardearam até a proposta de conciliação dos empresários, que, diga-se de passagem, não contava com o consenso nem da própria classe empresarial.

Assim, como dizíamos, é pura perda de tempo — e de autoridade — continuar com estas infindráveis reuniões. Pode desistir, o ministro Funaro, dos seus "alinhamentos baseados na técnica", das suas promessas de novos congelamentos, dos seus apelos à "colaboração" destes ou daqueles agentes do sistema produtivo. Ninguém mais acredita nisso, porque todos sabem que foi precisamente este tipo de "plano" que nos levou à situação ininteligível em que estamos.

E se o caso é este, se já está mais do que claro que não há como sairmos desta embrulhada sem pagar todos os custos que sair de embrulhadas como esta costuma ter; se já está mais do que claro que o próprio governo, seus economistas e seus políticos também não se entendem e não sabem o que fazer, por que não dar uma chance ao mercado para que ele se incumba de desempacotar tudo que foi empacotado neste ano que passou?

É claro que esta alternativa também terá os seus custos. Mas nenhuma outra será indolor e, o que é muito mais importante, certamente nenhuma outra terá custos menores, porque, fora desta, a que sobra é aquela nossa velha conhecida: a de mais intervenções, a de mais pacotes, em doses homeopáticas ou não, mas pacotes, com todos os embrulhos que deles costumam resultar para o País, só que, desta vez, agravados pela circunstância de que, estando, neste momento, com a sua autoridade totalmente abalada, o governo já não conseguirá nada com palavras e ameaças e terá de ir às vias de fato para fazê-los engolir por uma população cansada e exasperada. E todos sabemos onde este tipo de coisas geralmente vai desaguuar...

São a prudência e o bom senso que estão falando: chega de tentar esconder o sol com a peneira. É hora de o governo assumir suas responsabilidades, deixar de procurar "bodes expiatórios" — que, mesmo se "encontrados", não resolvem o problema concreto — e revelar a verdade inteira aos brasileiros, por mais dura que ela seja, para que eles ao menos compreendam o que, de um jeito ou de outro, lhes vai acontecer. E, feito isto, submeter-se humildemente à inflexível natureza da economia. Ela é o único remédio.